



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

VICTÓRIA CAROLINA RUZ DA CRUZ

HUMANIZANDO A CULTURA DO PARTO:

“HUMANIZAR O PARTO É DAR VOZ ÀS MULHERES,

TEM A VER COM RESPEITO À ESCOLHA”

Assis/SP

2022

VICTÓRIA CAROLINA RUZ DA CRUZ

HUMANIZANDO A CULTURA DO PARTO:

**“HUMANIZAR O PARTO É DAR VOZ ÀS MULHERES,
TEM A VER COM RESPEITO À ESCOLHA”**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Enfermagem do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão. **Orientanda:** Victória Carolina Ruz da Cruz

Orientadora: Prof. Ma. Patricia Coelho Mendes de Brito Haddad

Assis/SP

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

C957h Cruz, Victoria Carolina Ruz da.

Humanizando a cultura do parto: “Humanizar o parto é dar voz às mulheres, tem a ver com respeito à escolha” / Victoria Carolina Ruz da Cruz – Assis, SP: FEMA, 2022.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, curso de Enfermagem, Assis, 2022.

Orientadora: Prof.^a M.^a Patrícia Coelho Mendes de Brito Haddad.

1. Violência. 2. Parturiente. 3. Parto. I. Título.

CDD 618.45

Biblioteca da FEMA

HUMANIZANDO A CULTURA DO PARTO:

**“HUMANIZAR O PARTO É DAR VOZ ÀS MULHERES,
TEM A VER COM RESPEITO À ESCOLHA”**

VICTÓRIA CAROLINA RUZ DA CRUZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do Curso de Graduação, avaliado pela seguinte comissão examinadora:

Orientador: Patricia Coelho Mendes de Brito Haddad

Examinador Talita Domingues Caldeirão

:

RESUMO

A expressão “Violência obstétrica” é utilizada para representar e associar diversas formas de violência e danos durante o cuidado obstétrico profissional. Incluiu maus tratos físicos, psicológicos, e verbais, assim como procedimentos desnecessários.

Objetivo geral: analisar a produção científica a fim de oferecer subsídios para a formulação de planos assistenciais que propiciem a parturiente o conhecimento necessário sobre a melhor maneira de identificar a violência obstétrica sofrida no momento do parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em seis etapas e utilizando-se os descritores: Violência Obstétrica, Violência contra a Mulher com recorte de assunto principal "Assistência Integral a saúde", Serviços de Saúde Materna com recorte de assunto principal “Parto Obstétrico”.

Resultados: Dentro da busca feita pelos artigos, 1 artigo foi publicado no ano de 2017, 2 artigos foram publicados no ano de 2018, 5 artigos foram publicados no ano de 2019, 3 artigos foram publicados no ano de 2020 e 4 artigos foram publicados no ano de 2021. Observa-se a relevância e o interesse no assunto sobre a violência obstétrica no ano de 2017 até 2021 que vem aumentando cada vez mais. **Conclusão:** A falta de informação e o medo do parto tornam a mulher frágil, fazendo com que a violência se torne cada vez mais natural e frequente, sendo possível observar a presença de novos casos passando despercebidos aos olhos das parturientes, familiares e acompanhantes. Conclui-se que o acompanhamento do pré-natal é de extrema importância para trazer informações sobre essa violência, para que elas saibam de fato o que é uma violência obstétrica e como proceder diante dessa situação.

Palavras-chave: Violência obstétrica, Parturiente, Parto.

ABSTRACT

The expression "Obstetric violence" is used to represent and associate various forms of violence and harm during professional obstetric care. It included physical, psychological, and verbal abuse, as well as unnecessary procedures. **General objective:** to analyze scientific production in order to offer subsidies for the formulation of care plans that provide the parturient with the necessary knowledge about the best way to identify obstetric violence suffered at the time of delivery. **Methodology:** This is an integrative review of the literature carried out in six stages and using the descriptors: Obstetric Violence, Violence against Women with the main subject "Integral Health Care", Maternal Health Services with the main subject "Obstetric Childbirth". **Results:** Within the search for the articles, 1 article was published in 2017, 2 articles were published in 2018, 5 articles were published in 2019, 3 articles were published in 2020 and 4 articles were published in 2021. There is the relevance and interest in the subject of obstetric violence in the year 2017 to 2021, which is increasing **Conclusion:** The lack of information and the fear of childbirth make women fragile, making violence increasingly natural and frequent, and it is possible to observe the presence of new cases going unnoticed in the eyes of parturients, family members and companions. It is concluded that prenatal care is extremely important to bring information about this violence, so that they really know what obstetric violence is and how to proceed in the face of this situation.

Keywords: Obstetric violence, Parturient, Childbirth.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Análise inicial da produção científica.....	10
---	----

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Objetivos	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivos Específicos	11
3. Metodologia.....	11
4. Resultados.....	12
5. Discussão.....	20
6. Considerações Finais	25
7. Referências.....	26

1. INTRODUÇÃO

O termo violência obstétrica refere-se a vários tipos de agressões sofridas durante o pré – natal e parto. Se caracteriza por qualquer tipo de intervenção desnecessária, violenta e não autorizada pela mãe, como, por exemplo, o uso de ocitocina para induzir essas gestantes ao parto. (WERNER, Lara.)

O momento do parto é algo importante na vida de uma mulher, ele marca a transição para uma nova história. Este momento é repleto de dúvidas, medos e inseguranças, e, em alguns casos, geram para a mulher sentimentos de solidão e vulnerabilidade. O Ministério da Saúde editou a portaria n. 569, de 1 de junho de 2000, instituindo o “Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento” estabelecendo princípios e diretrizes, delineando a base para o fornecimento de um atendimento digno e de qualidade para as gestantes, parturientes e recém-nascidos (BRASIL, 2000).

A muitos anos atrás, os partos eram feitos em casa, por mulheres conhecidas como parteiras, com técnicas herdadas de suas ancestrais e conhecimentos populares das próprias comunidades. Tempos depois, o parto passou a ser realizado em hospitais, longe do conforto de suas casas e dos seus familiares, as parturientes então, passaram a serem acompanhadas pela equipe de profissionais da saúde responsáveis por todo o cuidado antes e durante o parto.

A expressão “Violência obstétrica” é utilizada para representar e associar diversas formas de violência e danos durante o cuidado obstétrico profissional. Incluiu maus tratos físicos, psicológicos, e verbais, assim como procedimentos desnecessários, como por exemplo: episiotomias, clister, tricotomia e ocitocina, ausência de acompanhante (TESSER et al., 2015).

A violência obstétrica é conhecida por ser um tipo de violência que assola as mulheres no pré-parto, parto e no pós-parto. Sua compreensão no tocante à origem, a sua conceituação, as suas características são de grande importância, uma vez que a difusão da informação tem o condão de elidir o seu acontecimento. A presente pesquisa justifica-se devido à necessidade de ampliação da discussão com a intenção de dar maior visibilidade ao assunto, já que ainda inexistente uma legislação específica sobre (LIMA, 2021, pg 01).

A violência obstétrica é um ato que afeta diretamente a vida das mulheres, transformando, portanto, uma experiência que deveria ser positiva, o momento em que a mulher se torna mãe, em uma experiência ruim, gerando marcas e traumas. O momento do parto deve ser do jeito que a mulher sonha, com respeito a suas escolhas, respeitando seus limites e com pessoas de seu convívio ao seu lado que possam oferecer a ela o suporte para um parto tranquilo, sem intercorrência, prazeroso e não que deixe marcas ruins como a violência obstétrica.

A mulher deve ser a protagonista da sua história obstétrica, o direito à informação significa espalhar conhecimentos de forma simples, objetiva e respeitosa. O pré-natal é realizado durante a gestação, com a intenção de acompanhar a evolução da gravidez, preparar a parturiente para o parto, orientar a amamentação e cuidados com o recém-nascido. É necessário cada paciente ter seu cartão do pré-natal devidamente preenchido, com informações da mãe, consultas realizadas e resultados de exames realizados.

Frente ao exposto o profissional de enfermagem surge como um agente fundamental na assistência a mulher desde o pré – natal até o parto e puerpério, e, por meio de seus conhecimentos pode ajudar a fornecer à mulher informações no intuito de diminuir os efeitos de qualquer tipo de violência obstétrica, neste sentido, se faz necessária a criação de medidas próprias para fornecer instrumentos que garantam a todas as mulheres seus direitos existentes, empoderamento para denunciar os profissionais envolvidos e o estabelecimento que permitiu essa violência. Ao longo da gestação, é importante que os direitos da mulher e da criança sejam respeitados garantindo que a gravidez seja saudável e o parto seja seguro.

O presente trabalho parte do princípio de que, para orientar uma parturiente sobre um parto sem violência é necessário a construção de um plano de parto durante seu pré-natal, onde a mulher possa ter a autonomia de escolher o que ela quer ou não no parto, se vai ser parto cesárea ou normal, necessidade do uso de anestésicos ou outras substâncias que induzem o parto, presença do acompanhante para dar segurança e confiança a essa parturiente, contato pele a pele com o bebê após o seu nascimento, medicações para dor, alimentação e hidratação, ter um bom acolhimento na maternidade escolhida, privacidade e direito à qualquer informação.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a produção científica a fim de oferecer subsídios para a formulação de planos assistenciais que propiciem a parturiente o conhecimento necessário sobre a melhor maneira de identificar a violência obstétrica sofrida no momento do parto.

2.2 Objetivos Específicos

- 1 - Analisar os direitos fundamentais, conceituar violência obstétrica e por fim, traçar a interligação entre o direito e a violência obstétrica;
- 2 - Compreender a violência obstétrica, investigar os tipos e as relações sociais que estão envolvidas.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em seis etapas: 1) identificação da questão da pesquisa, 2) critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura, 3) categorização dos estudos, 4) avaliação dos estudos incluídos, 5) interpretação dos resultados e 6) apresentação da revisão integrativa/síntese do conhecimento.

Para nortear o estudo elaborou-se a seguinte questão de pesquisa: Como as parturientes compreendem a violência obstétrica, elas são orientadas durante o pré-natal, parto e puerpério, como as ações de enfermagem e a educação em saúde prestada pelo enfermeiro podem auxiliar a parturiente a não sofrer violência obstétrica?

Os critérios de inclusão foram: artigos disponíveis na íntegra, no idioma português e publicados em um intervalo de 5 anos. Como critérios de exclusão: Teses, artigos duplicados, que não estivessem disponíveis na íntegra e que, através da leitura fluida, não contemplavam a pergunta de pesquisa.

Após consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), realizou-se a busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de fevereiro e março de 2022,

utilizando-se os descritores: Violência Obstétrica, Violência contra a Mulher com recorte de assunto principal "Assistência Integral a saúde", Serviços de Saúde Materna com recorte de assunto principal " Parto Obstétrico".

4. RESULTADOS

Dentro da busca feita pelos artigos, 1 artigo foi publicado no ano de 2017, 2 artigos foram publicados no ano de 2018, 5 artigos foram publicados no ano de 2019, 3 artigos foram publicados no ano de 2020 e 4 artigos foram publicados no ano de 2021. Observa-se a relevância e o interesse no assunto sobre a violência obstétrica no ano de 2017 até 2021 que vem aumentando cada vez mais. Conclui-se que o acompanhamento do pré-natal é de extrema importância para trazer informações sobre essa violência, para que elas saibam de fato o que é uma violência obstétrica e como proceder diante dessa situação.

Todo o processo de busca até a inclusão dos artigos pode ser detalhado da seguinte maneira:

DECS: Parto Humanizado, artigos encontrados 24, selecionados 6

DECS: Violência Obstétrica, artigos encontrados 10, selecionados 4.

DECS: Violência contra a Mulher com recorte de assunto principal "Assistência Integral a saúde", artigos encontrados 26, selecionados 1.

DECS: Serviços de Saúde Materna com recorte de assunto principal " Parto Obstétrico, artigos encontrados 12, selecionados 4.

Os 15 artigos incluídos foram submetidos a rigorosa leitura e análise.

A fim de extrair e sintetizar os dados dos artigos incluídos, fez-se uso de uma tabela (Tabela 1), apresentado nos resultados, com as seguintes variáveis: código do artigo/ano de publicação, nome dos artigos, profissão do autor, tipo de estudo e conclusões do artigo.

Tabela 1: Análise inicial da produção científica.

Nº DO ARTIGO	NOME DO ARTIGO	PROFISSÃO DO AUTOR	TIPO DE ESTUDO	CONCLUSÃO DO AUTOR
---------------------	-----------------------	---------------------------	-----------------------	---------------------------

ARTIGO 1 – Ano de Publicação: 2021	VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: EXPERIÊNCIA DA EQUIPE MULTIDICIPLI NAR EM SAÚDE.	Profissionais de diversas categorias.	Estudo qualitativo descritivo.	Importância do conhecimento da equipe de saúde sobre violência obstétrica, para identificar, intervir e prestar assistência humanizada.
ARTIGO 2 - Ano de publicação: 2020	ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAI S DE SAÚDE E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃ O NO CENTRO OBSTÉTRICO.	Enfermeiro (a).	Estudo bibliográfica, tipo revisão sistemática.	Imprescindibilid ade de reformar as práticas diárias, consolidar a adoção de práticas firmadas em para assegurar a gestante a um atendimento com igualdade e livre de violência.
ARTIGO 3 - Ano de publicação: 2020	MULHER E PARTO: SIGNIFICADO DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E A	Enfermeiro (a)	Estudo qualitativo com abordagem fenomenológica heideggeriana com mulheres	Necessidade de um fortalecimento da consulta de pré- natal proporcionado

	ABORDAGEM DA ENFERMAGEM.		em fase reprodutiva.	pelo enfermeiro para uma saúde integral de qualidade, curativa e preventiva.
ARTIGO 4 - Ano de publicação: 2019	OS VALORES DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE E SUA INFLUÊNCIA NO CUIDADO OBSTÉTRICO: COTIDIANO DAS MATERNIDADES.	Enfermeiros e médicos,	Estudo com abordagem qualitativa e sustentado na pesquisa fenomenológica.	Esse movimento permite mudanças no cuidado obstétrico, onde valorizem o respeito, justiça e direito da mulher.
ARTIGO 5 - Ano de publicação: 2019	O SABER DE PUÉRPERAS SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	Enfermeiros	Pesquisa qualitativa.	Ressalta-se que é de grande importância o conhecimento das puérperas sobre a violência obstétrica para poderem identificar e/ou intervir, caso a prática ocorra.

ARTIGO 6 – Ano de	PERCEPÇÃO DE	Enfermeiros	Estudo exploratório	Importância do conhecimento
publicação: 2018	ENFERMEIRO S OBSTÉTRICO S A CERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA		com abordagem qualitativa com 19 enfermeiros no centro obstétrico, préparto, parto e pós parto.	da parturiente pois isso é um elemento importante em relação a violência obstétrica, despertando para as repercussões do fenômeno a vida das mulheres.

ARTIGO 7 - Ano de publicação: 2018	DESAFIOS PARA A IMPLEMENTA ÇÃO DE UMA ASSISTÊNCIA “AMIGA DA MULHER”: A PRESENÇA DE ACOMPANHA NTES E A MOBILIDADE DO SUS EM SÃO PAULO.	Gestores, profissionais da saúde.	Revisão sistemática de estudos observacionais.	A IHAMC pode ser uma boa estratégia para superar a violência obstétrica em contextos como o brasileiro, tendo em vista os direitos das mulheres e propicia a incorporação dos autores envolvidos da solução dos problemas, contribuindo para sua solidez e
---	--	---	---	---

				sustentabilidad e.
--	--	--	--	-----------------------

<p>ARTIGO 8 - Ano de publicação: 2017</p>	<p>PRÁTICAS DE EPISIOTOMIA NO PARTO: DESAFIOS PARA A ENFERMAGEM. M.</p>	<p>Enfermeiros e puérperas.</p>	<p>Pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa.</p>	<p>Foi possível perceber que as participantes possuem poucas informações sobre a episiotomia e notou-se que o desconhecimen to das mulheres sobre essa prática é fator que contribui para a realização rotineira desse procedimento.</p>
<p>ARTIGO 9 – Ano de publicação: 2020</p>	<p>PERCEPÇÃO DAS PARTURIENTE S SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A DOR QUE QUEREM CALAR.</p>	<p>Enfermeiros e Puérperas.</p>	<p>Pesquisa qualitativa.</p>	<p>Conclui-se que as mulheres possuem um conhecimento limitado acerca da violência obstétrica, podendo estar relacionado à falta de informação durante o prénatal.</p>

ARTIGO 10 - Ano de publicação: 2019	CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MULHERES QUE VIVENCIARAM A EXPERIÊNCIA DO PARTO.	Puérperas	Pesquisa descritiva de caráter qualitativo.	Esse estudo mostrou quanto as mulheres desconhecem o termo VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA e como é importante a implementação de medidas que assegurem a assistência humanizada e estratégias de empoderamento das mulheres que são protagonistas no ato da parturição.
ARTIGO 11 – Ano de publicação: 2019	ALTERNATIVAS QUE CONTRIBUEM PARA A REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	Profissionais multidisciplinares e gestantes.	Revisão sistemática.	É importante compreender a gestante como um todo, ou seja, aprimorar a atenção ao binômio mãebebê, conhecendo as dúvidas e medos que permeia o

				período gravídico puerperal.
ARTIGO 12 - Ano de publicação: 2021	VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: FATORES DESENCADIA NTES E MEDIDAS PREVENTIVAS DE ENFERMAGE M.	Enfermagem	Revisão sistemática.	Destacou a importância

ARTIGO 13 – Ano de publicação: 2021	VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E TRAUMA NO PARTO: O RELATO DAS MÃES.	Pais, mãe e profissionais da saúde.	Relato de casos / Estudo prognóstico.	Conclui-se que procedimentos médicos como a episiotomia, anestesia e cesariana, quando realizados de maneira rotineira sem compartilhamen tos de decisões e sem aparo psíquico, constituem formas de ritualização para manter inconsciente a
--	---	---	---	--

				representação sexual do parto
ARTIGO 14 – Ano de publicação: 2021	AMPLIANDO VOZES SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	Mulheres e enfermeiros	Pesquisa multicêntrica.	O enfrentamento da violência obstétrica se da pelo apoio da família

ARTIGO 15 – Ano de publicação: 2019	VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: PERCEPÇÕES DE ENFERMEIRO S OBSTÉTRICO S EM UMA MATERNIDAD A DE MINAS GERAIS.	Enfermeiros obstétricos	Relato de casos/Pesquisa qualitativa.	É necessário a percepção e o reconhecimento da violência obstétrica por parte dos enfermeiros obstétricos na sua prática profissional pois uma das iniciativas relacionada a humanização do cuidado é o novo modelo de assistência ao parto e nascimento que se fundamenta na atenção prestada pelo profissional.
--	--	----------------------------	---	---

5. DISCUSSÃO

Ressalta-se a importância do conhecimento da equipe de saúde sobre a violência obstétrica, para que possam identificar, intervir e prestar assistência humanizada. A violência obstétrica é favorecida por falta de reestruturação do ambiente e de materiais, escassez de recursos humanos e sobrecarga de trabalho dos profissionais envolvidos. Considera-se oportuna a promoção de capacitações que aproximem os profissionais de saúde de condutas baseadas em evidências científicas. (ORSO, L.F. - 2021)

A Humanização do parto busca a superação do medo e do isolamento que as mulheres sofrem no modelo assistencial obstétrico hegemônico, medicalizado e intervencionista. O enfermeiro tem a educação em saúde como uma das atribuições convenientes a sua profissão.

Corroborando, observou-se a imprescindibilidade de reformar as práticas diárias, consolidar a adoção de práticas firmadas em fundamentos científicos e impulsionar os profissionais e a sociedade civil sobre a questão para conceituar o sistema e assegurar às gestantes um atendimento de saúde com igualdade e remediabilidade; e livre de violência obstétrica, que proporcione a fortificação e consolidação do SUS. (SCOLFILD, 2020).

Evidenciou-se a necessidade de um fortalecimento da consulta de pré-natal proporcionada pelo enfermeiro, abordando temas diversos e reflexivos, e ofertando uma saúde integral de qualidade, curativa e preventiva, com isso, é importante que cada gestante receba as informações sobre os riscos e benefícios dos tipos de parto, apontando dados atualizados de estudos científicos, na intenção de que toda mulher tenha uma melhor compreensão sobre cada procedimento, podendo, assim, tomar decisões baseando-se nas informações recebidas.

Caracteriza-se que a humanização e o respeito à autonomia são elementos fundamentais no cuidado à saúde da mulher desde à sexualidade ao processo de parir. (ARANTES ET *al*, 2020).

Uma violência que denigre os aspectos físicos, psicológicos, morais e sexuais da mulher, configurando uma violência contra a sua própria dignidade, sendo embasada numa perspectiva de violência que não se restringe somente ao parto e nascimento, mas em todos os contextos do ciclo gravídico-puerperal. Assim, o estudo concluiu que esse movimento permite mudanças no cuidado obstétrico, que valorizem o respeito, a justiça, o direito da mulher, pois quando há esse processo de transição, há também uma tendência para um cuidado que garanta o protagonismo da mulher e contribua para um cuidado compartilhado, com foco no diálogo e na segurança do parto para que se estabeleça uma assistência de qualidade (RODRIGUES, 2019).

Ressalta-se que é de grande importância o conhecimento das puérperas sobre a violência obstétrica para poderem identificar e/ou intervir, caso a prática ocorra. Percebe-se que, por meio dessas considerações, se faz importante investigar como

está o conhecimento dessas puérperas, tendo em vista que, por meio de suas percepções, podem surgir novas propostas de intervenções de prevenção contra a violência obstétrica.

Salienta-se que, embora a violência obstétrica seja um tema que vem sendo bastante discutido na atualidade, muitas mulheres ainda a desconhecem, seja pela falta de escolaridade — o que pode dificultar um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto, pois se sabe que o nível de escolaridade corrobora a ocorrência da violência obstétrica —, seja pela insuficiência de veiculação de informações para a população nas redes sociais e meios de comunicação, como a televisão, por exemplo. (CONCEIÇÃO ET al, 2019).

Para algumas enfermeiras, a adoção de determinadas condutas no momento do parto é justificada pelo não reconhecimento das mesmas como uma violência praticada contra a parturiente. Além disso, compreendem que estão prestando ajuda à mulher diante de possíveis complicações, tornando tais procedimentos corriqueiros. A ausência de informação das parturientes as leva a compreender que todos os procedimentos, na qual está sendo submetida, são rotinas da instituição e irão ajudar a salvar o feto, o que corrobora com a perda da autonomia feminina no momento do parto.

Estudo destaca que diante da exposição a situações de violência obstétrica as repercussões podem ser variadas, sendo físicas, por meio de feridas e hematomas deixados durante os procedimentos; psicológicas, manifestadas por sentimentos negativos, problemas na efetivação do vínculo entre a mãe e o bebê; e emocionais, manifestadas por meio do choro intenso. Além disso, muitas mulheres demonstram desinteresse por futuras gestações ou pelo parto vaginal (LEAL, 2018).

Muitas vezes são as concepções de gênero que orientam a prática dos profissionais e a organização dos sistemas e serviços de saúde típicos, o que resulta em sobrevalorização da tecnologia e minimização ou mesmo invisibilidade de seus efeitos adversos.

As visões de gestores e profissionais de saúde contrastam com a observação e os relatos das mulheres, com verificação de interdições ao exercício do direito a

acompanhante e à liberdade de movimentação no trabalho de parto e parto. Também foram recorrentes as falas no sentido de responsabilizar as mulheres pelas dificuldades que elas enfrentam na internação para o parto. Os atores envolvidos mostram disposição para aprimorar a qualidade da assistência, e propuseram mudanças nesta direção, algumas já em andamento. (YOSHIE, 2018).

Uma vez que a assistência e o empoderamento da mulher se iniciam no pré-natal com ações educativas e escuta qualificada com o objetivo de acrescer subsídios sobre o ciclo gravídico-puerperal e valorizar as experiências devida das usuárias e o seu próprio conhecimento sobre o corpo para a busca de autonomia.

Sendo assim, compete aos profissionais de saúde a reflexão acerca da assistência pré-natal e a busca de elementos que subsidiem o planejamento, a implementação e avaliação de seus cuidados a fim de atingir um patamar de qualidade.

Logo, o diálogo respeitoso entre os profissionais de saúde e a mulher é o primeiro passo para uma assistência humanizada. Assim, a humanização da assistência pode ser entendida como uma possibilidade de cuidar, atendendo às necessidades humanas do usuário. Para isso, é necessário respeitá-las, considerar seus sentimentos e individualidade a fim de permitir-lhe o protagonismo de sua própria história. (POMPEU, 2020).

Foi observado que as mulheres possuem um conhecimento limitado acerca do assunto abordado, visto que a maioria associa a violência obstétrica a uma forma de violência física e verbal, no entanto vai além, a violência obstétrica é uma forma de violação do direito à vida, a integridade física e moral, sendo estes estabelecidos perante lei, assim como o direito a autonomia sobre si.

No entanto, foi possível observar os impactos que a violência obstétrica acarreta nas mulheres, e este transpassa o corpo físico e acomete o psicológico, ferindo o mais profundo, a alma.

Faz se necessário que profissionais que prestam assistência a esse grupo tenham uma maior adesão a cursos de atualização para um melhor conhecimento científico acerca da assistência. (TEIXEIRA, 2020).

O estudo retratou um cenário onde a maioria das entrevistadas relatou não conhecer a violência obstétrica e nunca ter escutado o termo previamente.

A reformulação do cenário obstétrico nacional requer investimentos na atualização dos(as) profissionais dos serviços e na formação acadêmica, na perspectiva de assistir às mulheres de forma humanizada, com respeito, dignidade e qualidade.

O estudo possibilita melhor compreensão do processo de parturição sob o olhar das mulheres, mostrando que ainda há um longo caminho a trilhar para o alcance de um cenário obstétrico ideal. Apresenta contribuições para a Enfermagem considerando a necessidade de suscitar reflexões sobre a necessidade de fortalecimento de suas práticas de cuidado com embasamento na humanização da assistência e no cuidado integral à mulher em processo de parturição, além da participação proativa nesse contexto. (NASCIMENTO, 2019).

Para que esta compreensão por parte dos profissionais seja possível, a utilização de instrumentos que mensurem as expectativas, o conhecimento e, por último, a satisfação com o parto é uma outra alternativa complementar à compreensão da gestante como um todo.

Uma revisão sistemática analisou instrumentos existentes que mensurem a satisfação das mulheres com o parto, porém não incluiu instrumentos que mensurem as expectativas, o que contempla uma nova alternativa para a redução da violência obstétrica: a criação de instrumentos específicos para avaliar as expectativas das gestantes.

Compreender as expectativas das gestantes é uma alternativa singular, pois cada mulher é diferente, logo, possui sentimentos e dúvidas distintas. A redução da violência obstétrica é um desafio na América Latina, porém com o movimento da humanização na atenção à saúde materno-infantil há esperança de um novo cenário. (MARQUES ET al., 2019).

É importante salientar que a capacitação dos profissionais que acompanham desde o pré-natal é primordial no acompanhamento à gestante, essas ações visam seu bemestar físico e mental, preparando-as para a maternidade, pois uma assistência humanizada é essencial durante todo o processo de pré-parto e puerpério.

Por fim, faz-se necessário o desenvolvimento de campanhas e cursos de aprimoramento profissional, que visem o combate à violência obstétrica. É preciso

que aja uma reforma na assistência prestada, baseada principalmente na humanização, respeitando a autonomia da mulher para que a mesma se sinta protagonista desse momento (SOUZA, 2021).

O termo tem sido utilizado fundamentalmente para designar experiências em que as mulheres se sentiram invadidas, desrespeitadas e/ou alienadas do próprio corpo em um momento de vulnerabilidade. Nos relatos analisados, a experiência de ter se sentido violentada apareceu no relato de cinco mães, que narraram situações de desamparo, falas desrespeitosas por parte da equipe e práticas rotineiras extremamente invasivas e sem comunicação prévia com a parturiente, além do descumprimento da lei do acompanhante.

Entendemos aqui que a denominada violência obstétrica se constitui como experiência traumática de parto por conta da confirmação de angústias e ansiedades primitivas pelo ambiente, como as ansiedades de esvaziamento, perda, castração, punição pela sexualidade e exposição ao desconhecido, além das angústias de aniquilamento e de separação.

Concluimos ser de fundamental importância que os profissionais que assistem o parto sejam amparados emocionalmente e que tenham conhecimento sobre os processos emocionais que o nascimento suscita. Assim, poderão organizar-se internamente de modo a proteger seus psiquismos sem violentar as mulheres que estão parindo e que já se encontram em estado de grande vulnerabilidade (MATOS, 2021).

Almeja-se uma mudança da práxis para incrementar a assistência humanizada. Neste contexto, cabe enfatizar que a Enfermagem, no contexto de mudanças globais (e.g., mobilidade geográfica, avanços tecnológicos, mudanças políticas e sociais), usa a comunicação social crítica para tal empoderamento.

Isso se dá pelo trabalho diferenciado especialmente de enfermeira(o)s possuidora(e)s de habilidades de pensamento crítico enquanto humanizam a assistência. Tal ação pode estreitar a distância entre o PHPN, a legislação e a assistência obstétrica, exigindo treinamento específico de profissionais de saúde com sólida base em conteúdo de ética, gênero e direitos humanos para que mudanças sólidas aconteçam. (NERY, 2021).

Considera-se que para ampliar a discussão sobre o tema é necessário esse reconhecimento por parte dos enfermeiros obstetras, pois uma das iniciativas relacionadas a humanização da assistência obstétrica é o novo modelo de assistência ao parto e nascimento que se fundamenta na atenção prestada por este profissional.

Portanto, conhecer o impacto da violência obstétrica sobre as experiências e escolhas de saúde das mulheres, assim como as formas de prevenir e eliminar, é uma discussão que deve ser elaborada e acredita-se que este estudo possa contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas (MIRANDA, 2019).

Novos tratados como Rezende 14^o Edição, trata a Violência Obstétrica como um novo termo: “ Maus Tratos na Gravidez e Puerpério, sendo mais aceito ja que o termo Violência Obstétrica não é bem aceito pela Sociedade Brasileira de Obstetrícia, com isso, esse novo termo pode trazer mais clareza sobre o que é a Violência Obstétrica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de informação e o medo do parto tornam a mulher frágil, fazendo com que a violência se torne cada vez mais natural e frequente, sendo possível observar a presença de novos casos passando despercebidos aos olhos das parturientes, familiares e acompanhantes.

Desse modo, se faz necessário a criação de uma norma específica capaz de fornecer instrumentos garantindo esses direitos, dando efetividade a essas normas e proteção a essas mulheres. Além de cada vez mais, divulgar informações nos ambientes médicos, hospitalares, televisão, para fortalecer a população com conhecimento a fim de denunciar essas práticas.

Evidencia-se que mesmo existindo uma legislação o momento do parto ainda pode se tornar algo assustadora frente as intervenções desnecessárias e as violências cometidas a essas mulheres que se encontram em um momento de vulnerabilidade, tendo sua autonomia e protagonismo cerceados, conjuntamente com a violação desses direitos.

7. REFERÊNCIAS

ARANTES, E. E./ROMA, M. R. O/ RIBEIRO, S. O. - 2020 – **Mulher e Parto: Significado de Violência Obstétrica e a Abordagem da Enfermagem**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

CONCEIÇÃO, F. S./ ROGÉRIA, M. P. V. / MIRANDA, F. C. A / VERAS, J. M. M. F. / SANTOS, R. C. / SOUZA, L. L. - 2019 - **O Saber de Puérperas sobre Violência Obstétrica**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

COREN. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA- **Enf. Obstétrica Marcele Alexandra Rabelo Comissão de Saúde da Mulher Coren/PR**. Disponível em: https://www.corenpr.gov.br/portal/imagens/Violência_Obstétrica.pdf.> Acesso em 20 de junho de 2021

LEAL, S. Y. P. - 2018 - **Percepção de Enfermeiros Obstétricos a Cerca da Violência Obstétrica**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

LIMA, Monique A. de Sá G. **Violência Obstétrica: violação aos direitos da parturiente**. Disponível em: Artigo científico_2305788_VIOLÊNCIA_OBSTÉTRICA_Monique_Lima.pdf (ufms.br). Acesso em: 18 de junho de 2021.

MARQUES, G. M./ NASCIMENTO, D. Z. - 2019 - **Alternativas que Contribuem para a Redução da Violência Obstétrica**. Disponível: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

MATOS, 2021- **Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães**. Disponível: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

MIRANDA, 2019 - **Violência Obstétrica: Percepções De Enfermeiros Obstétricos Em Uma Maternidade De Minas Gerais**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://PortalRegionaldaBVS(bvsalud.org)).

MONTENEGRO, Carlos Antonio Barbosa. **REZENDE OBSTETRÍCIA FUNDAMENTAL**. 14° ed. Rio de Janeiro: GEN – Grupo Editorial Nacional; Guanabara Koogan, 2019. (Minha Biblioteca)

NASCIMENTO, S. L. - 2019 – **Conhecimentos e Experiência de Violência Obstétrica em Mulheres que Vivenciaram a Experiência do Parto**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://PortalRegionaldaBVS(bvsalud.org)).

NERY, 2021 - **Ampliando Vozes Sobre Violência Obstétrica**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://PortalRegionaldaBVS(bvsalud.org)).

ORSO, L.F. **Violência Obstétrica: Experiência da Equipe Multidisciplinar em Saúde**. Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://PortalRegionaldaBVS(bvsalud.org))

POLETTTO, Alex Sandro Romeo de Souza; PAULO, Sidney de. (Orgs). **Diretrizes para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC** / Alex Sandro Romeo de Souza Poletto; Sidney de Paulo (Organizadores) Fundação Educacional do Município de Assis –FEMA – Assis, 2015.

POMPEU, K. C. – 2020- **Práticas de Episiotomia no Parto: Desafios para a Enfermagem**. Disponível em: Disponível: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://PortalRegionaldaBVS(bvsalud.org)).

Revista Saúde em Foco – Edição nº 11 – Ano: 2019 - **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA:**

Uma expressão nova para um problema histórico. Disponível em:
034_VIOLÊNCIA-OBSTÉTRICA-Uma-expressão-nova-para-um-
problemahistórico.pdf

RODRIGUES, D. P. – 2019 - **Os Valores dos Profissionais de Saúde e sua Influência no Cuidado Obstétrico: Cotidiano das Maternidades.** Disponível em:
[https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

SCOLFILD, L. R. S. 2020 - **Atuação dos Profissionais de Saúde e o Processo de Humanização no Centro Obstétrico.** Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org))

SCOLFILD, L. R. S. 2020 - **Atuação dos Profissionais de Saúde e o Processo de Humanização no Centro Obstétrico.** Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org))

SOUZA, M. P. V. - 2021 - **Violência Obstétrica: Fatores Desencadeantes e Medidas Preventivas de Enfermagem.** Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

TEIXEIRA, P. C. - 2020 - **Percepção das Parturientes sobre Violência Obstétrica: A Dor que Querem Calar.** Disponível em: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

WERNER, Lara. **As faces da Violência Obstétrica.** Disponível em:
<<https://www.ufrgs.br/jordi/172-violenciaobstertica/violenciaobstetrica/>>. Acesso em:
18 de junho de 2021.

YOSHIE, N. D. - 2018- **Desafios para a Implementação de uma Assistência**

“AMIGA DA MULHER”: A Presença de Acompanhantes e a Mobilidade do Sus em São Paulo. Disponível: [https://Portal Regional da BVS \(bvsalud.org\)](https://Portal Regional da BVS (bvsalud.org)).

ZUGAIB, Marcelo, Rossana Pulcineli Vieira Francisco. **Obstetrícia**. 4^oed. Barueri – SP: Manole, 2020

